

VIDA REAL OU JOGO (?): O IMAGINÁRIO DA VIOLÊNCIA INVADE O JOGO TEATRAL DA CRIANÇA

Luciana Silva Tosta

Orientador: Profa. Dra. Lúcia Helena de Freitas

Este projeto propõe mostrar a relação entre a utilização dos jogos teatrais com crianças do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, e a recepção desses jogos pelos alunos dentro do contexto sócio cultural da violência na cidade do Rio de Janeiro. Não me deterei em um estudo de ordem econômica, ou política; já que a própria descrição da recepção desses jogos demonstrará, efetivamente, como o político, o social e o econômico podem ser percebidos numa prática político-pedagógica de ensino. Como amostra para esta experiência escolho os alunos dos colégios: TTH-Bar Ilan (unidades Tjuca e Copacabana) e PALAS, escolas onde leciono teatro há sete anos. O interesse pelo projeto se deu por conta de uma verificação efetuada em minha prática pedagógica. Quando aplico os jogos, principalmente os de construção de histórias, recebo, por parte das crianças, com bastante frequência, uma expressão agressiva na representação. É possível que a resposta se deva menos a natureza do jogo, mais a um contexto de espetacularização da violência..

Proponho analisar a recepção existente entre tais jogos e a realidade histórica de uma criança que hoje, se vê diante deste imaginário da violência, criando assim uma estratégia para contornar, ou pelo menos, minimizar este problema, refletindo e experimentando situações através de uma seleção de jogos teatrais.

Observamos que os temas presentes na vida dos alunos, e claro na sociedade, são trazidos para a sala de aula, desde que se sintam a vontade para expressá-los, mesmo que seja mais intuitivo do que consciente. Cabe ao professor fazer as pontes e criar um espaço de consciência e experimentação, trazendo também outros temas para as representações, pois vários pontos de vista são vivenciados nestas dinâmicas. Este tipo de proposta tem relação com uma corrente pedagógica do ensino de teatro denominada *contextualista*, que será abordada neste estudo através do trabalho do *Teatro do Oprimido nas Escolas*, uma iniciativa de Augusto Boal.

Os jogos são recebidos pelas crianças como um impulso propulsor que traz a tona descobertas, dúvidas, crises, que permeiam seu imaginário e suas vidas. O local dessas aulas deve ser entendido como um espaço de arte, em que a expressão das reflexões do cotidiano se projeta na estética teatral, com todas as suas especificidades técnicas e conceituais. Entramos na corrente *essencialista* e a estudaremos sob a ótica do trabalho de Ingrid Koudela sobre o sistema de Viola Spolin. O fazer artístico na educação, possibilita o desenvolvimento de um olhar sensível para com o outro, o mundo e as artes. O teatro é arte e muitas vezes este fator fica em segundo plano em relação aos objetivos gerais da educação. As técnicas do ensino do teatro servem para desenvolver potencialidades expressivas no sujeito, mas também para fazer deles apreciadores de obras artísticas e, no que concerne aos espetáculos teatrais,

espectadores ativos que, percebem linguagens diferentes, escolhas estéticas com variações imprevisíveis, que se deixam levar pela poética da cena, que se emocionam e nem por isso deixam de refletir sobre a experiência, que pode sim, ser transformadora.

Este trabalho pretende mostrar o quanto o teatro, vinculado à prática educativa, é enriquecido ao manter a dialética contexto/essência. Existe uma liberdade no espaço do jogo teatral que permite a entrada da vida, enquanto realidade cotidiana, e vice-versa. A ludicidade é uma necessidade humana e o jogo tem função cultural. Para aprofundar tais idéias usaremos, em especial, dois livros, *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, de Erwin Goffman e *Homo Ludens* de Johan Huizinga.

Esta proposta, de seleção de jogos para trabalhar um tema específico, não pretende ser de forma alguma rígida, muito pelo contrário, cabe ao professor saber a dimensão da importância da flexibilidade no planejamento. As turmas são diferentes e dentro delas cada aluno é diferente do outro. Porém esta abordagem pode facilitar a organização das aulas, sem torná-las maçantes, despertando mais o interesse dos alunos e a possibilidade deste se desenvolver como ser social, exercitando a cidadania.

Os principais objetivos são:

- Propor uma seleção de jogos teatrais que sirva de estratégia para trabalhar a questão da violência na vida das crianças do 1º ao 5º ano.

- Analisar, por amostra, a recepção existente entre os jogos e a realidade histórica de uma criança que, no contexto atual do município do Rio de Janeiro, se vê diante de um imaginário da violência.

- Definir as correntes essencialista e contextualista, tentando entendê-las de forma complementares.

- Elaborar o embasamento teórico para o trabalho: 1. buscar compreender a necessidade do elemento lúdico na constituição do ser humano e como função cultural. 2. Traçar um paralelo entre a representação do sujeito na vida em sociedade e o fenômeno teatral.

Hoje no Brasil ainda existe uma grande falta de articulação teórico prática entre os professores de teatro na educação. A flexibilidade no ensino das artes é necessária, porém ainda carecemos de uma sistematização que nos sirva de trampolim para práticas mais audaciosas. Precisamos também fundamentar estas práticas para que possamos extrair delas um aproveitamento cada vez melhor. No universo das escolas, geralmente o professor de teatro é um solitário. Os profissionais de educação são, na maioria, desinformados a respeito desta prática e, muitas vezes, acham que tudo se resume em brincadeira e uma “pecinha” no final do ano. Isso quando não pedem para serem feitas apresentações ao longo do ano para incrementar as datas comemorativas. Desejando mudar este quadro o professor precisa estar seguro dos fundamentos de sua disciplina para enfrentar os percalços da prática: as turmas grandes, o espaço inadequado, o tempo curto de hora/aula, sem falar naquela sensação de que os colegas no fundo acham que teatro é uma aula “extra”, menos importante do que as matérias ditas “formais”. Não percebem o quanto a prática pedagógica do teatro pode desenvolver o sentido de cidadania e trabalhar questões sociais relevantes a vida.

Para sistematizar o ensino de qualquer matéria é interessante levar em conta o contexto histórico social em que os alunos estão inseridos. Certamente ao criar seu

método Viola Spolin, um paradigma em termos de sistematização através de jogos teatrais, levou em consideração a realidade dos Estados Unidos. Hoje, no Brasil, principalmente nos grandes centros urbanos, enfrentamos problemas que não podem, mesmo se quiséssemos, ser excluídos da sala de aula. Os próprios alunos trazem essas turbulências consigo. No que concerne a violência, ela está nos video-games, na televisão, na internet e é claro, nas ruas, muitas vezes batendo na porta de nossas casas. A violência também está na atitude competitiva do sistema capitalista. O mundo sensível, no qual as artes estão inseridas, está cada vez mais distante, apesar da necessidade humana de estabelecer vínculos de afeto para viver bem. A escola precisa trabalhar com este paradoxo: um mundo que se distancia cada vez mais dos aspectos sensíveis da existência, que valoriza o consumo, a posse, as aparências, e por outro lado o universo metafísico, ultra sensível, onírico, que todos encerram dentro de si e que precisa ser expresso, que precisa do contato, da troca.

Os procedimentos para a concretização deste projeto partirão de cinco fases distintas. A primeira consistirá em compilar o que existe de bibliografia de jogos teatrais, lançadas no Brasil, e selecionar os jogos adequados para esta vivência. Está previsto para esta etapa do trabalho a duração de cinco meses. A segunda fase consistirá em entrevistas com alguns teóricos do teatro na educação como Ingrid Koudela e Augusto Boal, definindo as categorias essencialista e contextualista de teatro. A duração prevista para esta etapa é de cinco meses. A terceira fase consistirá na elaboração do embasamento teórico para o trabalho: estudo do desenvolvimento lúdico no ser humano e das representações do sujeito na organização social. Esta fase está prevista para durar quatro meses. A quarta etapa será a escrita da dissertação. Duração oito meses. A pesquisa de como se dá a recepção dos jogos pelos alunos dentro do contexto sócio cultural do Rio de Janeiro acontecerá durante todo o tempo.

BIBLIOGRAFIA

- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005.
- GOFFMAN, Erwin. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- BOAL, Augusto. *200 exercícios e jogos para o ator e o não ator com vontade de dizer algo através do teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- KOUELA, Ingrid Dormien. *Jogos Teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais: O fichário de Viola Spolin*. Tradução: Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SLADE, Peter. *O Jogo Dramático Infantil*. São Paulo: Summus, 1978.
- FAURE, Gérard. *O Jogo Dramático na Escola Primária*. Tradução: Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1982.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. *O Jogo Dramático no Meio Escolar*. Tradução: Christine Zurbach e Manuel Guerra. Coimbra: Centelha, 1981.
- COURTNEY, Richard. *Jogo, Teatro e Pensamento*. São Paulo: Perspectiva.
- RESENDE, Ênio. *Cidadania - Remédio para as Doenças Culturais Brasileiras*. São Paulo: Summus, 1992.